

PALMIRENO MOREIRA NETO

VIAGEM AO MORCEGO:
MÁRIO PEIXOTO E O ENSAIO FÍLMICO

Rio de Janeiro

2017

PALMIRENO MOREIRA NETO

VIAGEM AO MORCEGO:
MÁRIO PEIXOTO E O ENSAIO FÍLMICO

Monografia apresentada ao Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob orientação do Prof. Dr. Cezar Migliorin.

Rio de Janeiro

2017

MOREIRA NETO, Palmireno. *Viagem ao Morcego: Mário Peixoto e o ensaio fílmico*. Rio de Janeiro, 2017. 48 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense.

RESUMO

Situado na Ilha Grande, em Angra dos Reis, o Sítio do Morcego possui uma casa construída no período colonial onde o cineasta e escritor Mário Peixoto tentou, sem sucesso, criar um museu e realizar um filme. Este ensaio examina a trajetória de Mário na região e um roteiro escrito por ele para o filme sobre o sítio, apontando aproximações entre o seu projeto cinematográfico e algumas concepções contemporâneas de ensaio fílmico e de documentário subjetivo.

Palavras-chave: Mário Peixoto; Sítio do Morcego; Ensaio fílmico; Documentário subjetivo.

MOREIRA NETO, Palmireno. *Viagem ao Morcego*: Mário Peixoto e o ensaio fílmico. Rio de Janeiro, 2017. 48 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense.

ABSTRACT

Located on Ilha Grande, in Angra dos Reis, the *Sítio do Morcego* has a house built in the colonial period where Mário Peixoto, a Brazilian writer and filmmaker, tried unsuccessfully to build a museum and make a movie. This essay examines Mário's trajectory in the region and a screenplay written by him for the movie about the small farm, highlighting the analogies between his filmic project and some contemporary conceptions of the film essay and the subjective documentary.

Keywords: Mário Peixoto; Sítio do Morcego; Film essay; Subjective documentary.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela compreensão.

Ao Arquivo Mário Peixoto, pelo apoio irrestrito.

A Cezar Migliorin, pela orientação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sítio do Morcego, Ilha Grande	16
Figura 2 - Mário Peixoto e Alcides da Rocha Miranda no Sítio do Morcego	16
Figura 3 - Desenho do Sítio do Morcego realizado por Mário Peixoto	24
Figura 4 - <i>Slide</i> do Sítio do Morcego [1]	25
Figura 5 - <i>Slide</i> do Sítio do Morcego [2]	25
Figura 6 - <i>Slide</i> do Sítio do Morcego [3]	26
Figura 7 - <i>Slide</i> do Sítio do Morcego [4]	26

SUMÁRIO

Introdução	7
1 Vestígios de Mário	9
1.1 A aventura do homem	9
1.2 De Bruxelas (ou da Tijuca) ao “choque puro”	12
2 O filme do Morcego	17
2.1 Quase um museu	17
2.2 Uma conversa telefônica	19
2.3 Um roteiro	22
3 Um ensaio do eu	27
3.1 Aspectos do ensaio	27
3.2 O ensaio e a imagem em movimento	29
Conclusão	32
Bibliografia	34
Anexos	38

INTRODUÇÃO

Apesar de haver dirigido apenas um filme, Mário Peixoto foi um dos principais cineastas brasileiros. *Limite*, exibido pela primeira vez em 1931, é um marco do cinema silencioso e foi eleito em enquetes da Cinemateca Brasileira e da Folha de São Paulo o melhor filme já realizado no país. Alguns comentários a respeito da obra indicam a projeção que ela adquiriu nas décadas seguintes ao seu lançamento. Após uma sessão organizada por Vinicius de Moraes no Rio de Janeiro no início década de 1940, Otto Maria Carpeaux soprou ao ouvido do escritor carioca: “Mas é poesia pura...” Orson Welles, presente nessa sessão, também confirmou as expectativas de Vinicius: “Posso assegurar que, uma vez as luzes acesas, senti a grande impressão que o filme tinha feito em todos. Orson Welles deu-me particularmente sua opinião, que foi a melhor. E pude ver-lhe a sinceridade do que dizia nos olhos.”¹

Embora não tenha conseguido realizar um novo filme, Mário escreveu diversos *scenários* (termo que a indústria e a crítica cinematográficas substituiriam por *roteiro*) ao longo da sua vida, dedicando-se também a vários projetos literários. Na década de 1930, publicou *Mundéu* (um livro com poemas descritos por Mário de Andrade como “explosões duma unidade às vezes excelente, em que o movimento plástico das noções e das imagens é incomparável dentro da nossa poesia contemporânea”)² e a primeira versão do romance *O Inútil de Cada Um*. Em 1983, a Embrafilme lançou o roteiro de *A alma, segundo Salustre*, um dos projetos cinematográficos nunca concluídos por Mário. No ano seguinte, ele conseguiu publicar, com o auxílio de Jorge Amado, o volume inicial da segunda versão de *O Inútil de Cada Um*, um ambicioso trabalho do qual fazem parte cinco volumes ainda inéditos. Postumamente, após a criação do Arquivo Mário Peixoto em 1996, foram reeditadas as publicações de Mário da década de 1930 e editados *Limite: “cenário” original* (1996), *Outono* (roteiro escrito por Mário e Saulo Pereira de Mello lançado em 2000), *Mário Peixoto: escritos sobre cinema* (2000), *Poemas de permeio com o mar* (2002) e *Seis contos e duas peças curtas* (2004).

Diante da potência de *Limite* e das possibilidades de análise oferecidas pela produção editorial citada, é compreensível que a crítica a respeito da obra de Mário tenha apenas tangenciado as questões relacionadas ao Sítio do Morcego, onde o cineasta e escritor morou

¹ MORAES, Vinicius de. Cinema. *A manhã*, 30 jul. 1942.

² ANDRADE, Mário de. A respeito de *Mundéu*. In: PEIXOTO, Mário. *Mundéu*, p. 10. A resenha de Mário de Andrade foi publicada originalmente na *Revista Nova* em dezembro de 1931.

durante vários anos. No entanto, a propriedade, localizada em Angra dos Reis, exerceu sobre Mário uma atração que talvez tenha superado o seu fascínio pelo cinema e pela literatura. Considerando alguns aspectos desse apelo, este ensaio busca compreender a forma cinematográfica planejada por Mário em sua tentativa de incorporar o Morcego ao seu domínio artístico.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 15-45.

AMÂNCIO, Tunico (org.). *Estudos sobre Limite de Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: Laboratório de Investigação Audiovisual – UFF, 2000. CD-ROM.

AVELLAR, José Carlos. Um lugar sem limites. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite, o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 37-44.

BEILER, Aloysio Clemente Breves. O imperador do café. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, set. 2007. Disponível em: <[revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-imperador-do-café](http://revistadehistoria.com.br/secao/retrato/o-imperador-do-cafe)>. Acesso em: 27 nov. 2016.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. *serrote*, [São Paulo?], n. 16, [2014?]. Disponível em: <www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>. Acesso em: 3 jul. 2017.

BERARDINELLI, Alfonso. A forma do ensaio e suas dimensões. *Remate de Males*, Campinas, v. 31, n. 1-2, p. 25-33, 2011.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, suas transformações e sua fixação no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CASTRO, Emil de. *Jogos de armar: a vida do solitário Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.

COELHO, L. S. F. Plínio Sussekind Rocha. In: INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Biblioteca Plínio Sussekind Rocha*. Disponível em: <biblioteca.if.ufrj.br/sobre/plinio-sussekind-rocha/>. Acesso em: 28 jun. 2017.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CORRIGAN, Timothy. *The essay film: from Montaigne, after Marker*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FELDMAN, Ilana. Na contramão do confessional: O ensaísmo em *Santiago, Jogo de cena e Pan-cinema permanente*. In: Migliorin, Cezar (org.). *Ensaaios no real: o documentário brasileiro hoje*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010, p. 149-167.

GERVAISEAU, Henri Arraes. Escrituras e figurações do ensaio. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 92-118.

HAZLITT, William. Sobre os ensaístas de periódico. *serrote*, [São Paulo?], n. 22, [2016?]. Disponível em: <www.revistaserrote.com.br/2016/04/sobre-os-ensaistas-de-periodico-por-william-hazlitt/>. Acesso em: 3 jul. 2017.

HUXLEY, Aldous. Preface. In: _____. *Collected essays*. Nova York: Bantam Books, 1966, p. v-ix.

KORFMANN, Michael (org.). *Ten contemporary views on Mário Peixoto's Limite*. Münster: MV-Verlag, 2006.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, edição digital.

LOPATE, Phillip. In search of the centaur: the essay-film. In: *Beyond document: essays on nonfiction film*. Hanover: University Press of New England, 1996, p. 243-270.

LÓPEZ, Antonio Weinrichter. Um conceito fugidio: notas sobre o filme-ensaio. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 42-91.

MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. *Intermédias*, [s.l.], n. 5 e 6, [2006?]. Disponível em: <www.intermedias.com/txt/ed56/Cinema_O%20filme-ensaio_Arlindo%20Machado2.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2017.

MACHADO, Rubens. Mário Peixoto. In: RAMOS, Fernão (org.); MIRANDA, Luiz Felipe (org.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

MELLO, Saulo Pereira de. Breve esboço de uma cinebiografia de Mário Peixoto. In: MINISTÉRIO DA CULTURA; CASA DE RUI BARBOSA. *Limite: Mário Peixoto*. Rio de Janeiro, 1996, p. 4-47.

_____. *Limite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. Limite: angústia. In: GILLONE, Daniela (org.). *Limite, o filme de Mário Peixoto*. São Paulo: Três Artes, 2015, p. 25-35.

_____. *Limite: claro enigma. serrote*, São Paulo, n. 18, p. 81-89, nov. 2014.

_____. *Limite: filme de Mário Peixoto*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

_____. (org.). *Mário Peixoto: escritos sobre cinema*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. O Fan, o Chaplin Club e Limite. *O percevejo*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 58-68, 1997.

_____; PEIXOTO, Mário. *Outono: o jardim petrificado*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MORAES, Vinicius de. Cinema. *A manhã*, [S. l.], 30 jul. 1942.

PEIXOTO, Mário. *A alma, segundo Salustre*. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1983.

_____. *Limite*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

_____. Mário Peixoto volta a filmar. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 dez. 1983. Ilustrada, p. 25. Entrevista concedida a Leão Serva.

_____. *Mundéu*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

_____. *O inútil de cada um*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

_____. *O inútil de cada um: Itamar*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. *Poemas de permeio com o mar*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. *Seis contos e duas peças curtas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

NICHOLS, Bill. *Introduction to documentary*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

RASCAROLI, Laura. The essay film: problems, definitions, textual commitments. In: *The personal camera: subjective cinema and the essay film*. Londres: Wallflower Press, 2009, p. 21-43.

RENOV, Michael. Investigando o sujeito: uma introdução. In: LABAKI, Amir (org.); MOURÃO, Maria Dora (org.). *O cinema do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 234-257.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *Remate de Males*, Campinas, v. 31, n. 1-2, p. 13-24, 2011.

SULLIVAN, John. *Essai, essay, ensaio. serrote*, São Paulo, n. 19, p. 131-145, 2015.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Para além dos domínios da ficção, do documentário e do experimental, o ensaio como formação de um quarto domínio do cinema? In: _____ (org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015, p. 162-196.

FILMOGRAFIA

MAR de fogo. Direção: Joel Pizzini. Brasil: Pólofilme, 2014.

O HOMEM do Morcego. Direção: Ruy Solberg. Brasil: Sagitarius Filmes, 1980.

O HOMEM e o limite. Direção: Ruy Santos. Brasil: Embrafilme, 1975.

O MAR de Mário. Direção: Reginaldo Gontijo; Luiz Fernando Suffiati. Brasil: Digitalina Filmes; Armazém do Film, [2006?].

ONDE a terra acaba. Direção: Sérgio Machado. Brasil: VideoFilmes, 2001.

FONTES

MELLO, Saulo Pereira de; PEIXOTO, Mário. *Conversas telefônicas entre Mário Peixoto e Saulo Pereira de Mello I*. Rio de Janeiro, 4 jan. 1979. Arquivo Mário Peixoto.

PEIXOTO, Mário. *A casa*. [S.l.], [ca. 197-?]. Arquivo Mário Peixoto, pasta 30.

_____. *Entrevista de Mário Peixoto a Alex Vianny e Ruy Solberg*. [S.l.], 1978. Arquivo Mário Peixoto, pasta 138.

_____. *Ilha Grande*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1966. Arquivo Mário Peixoto, pasta 72A.

RELAÇÃO DE PASSAGEIROS DO VAPOR CAP. ORTEGAL. Rio de Janeiro, 25 jul. 1909. Arquivo Nacional, disponível *on-line*.

ANEXOS¹

¹ Os documentos apresentados foram transcritos por Roberta Gnattali e revisados pelo autor seguindo as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos (1993).

ANEXO 1 – Ilha Grande²

[fl. 1]

Ilha Grande

Situada proxima ao litoral do Estado do Rio, primitivamente tomada pelos primeiros viajantes e aventureiros como parte integrante do continente, teve <a sua> parte ativa e importante no Brasil Colonia nos seculos 17 e 18, vindo a perder esse prestígio já no seculo 19 com o advento da abolição. Vilas com fóros de pequenas cidades, tal a sua complexidade ativa, estaleiros, seminarios, comercio intenso, tudo isso – parece incrível tenha existido, onde não mais se encontra atualmente senão ruínas, alvenaria e desertos.

A paisagem continua a mesma maravilhosa e as praias alvas com suas águas cristalinas persistem pontos privilegiados para pescarias e esportes nauticos.

Grandes terras cujos os nomes <dos> atuais proprietarios ausentes ou longinquo, que a maior das vezes jamais lá foram em reconhecimento, circundam a ilha transfigurando-a numa beleza desolada e grandiosa. A fauna e a flóora são excepcionaes. O recorte litoraneo do lado interior que confronta o continente é manso e acolhedor, cheio de pequenas reentrancias e enseadas, pontilhada de ilhótas. O lado do mar alto é bravio, pleno Atlantico, onde as ondas enormes se arremessam nas costeiras. Das antigas fazendas, da escravatura, pirataria, sucessivas invasões estran-

[fl. 2]

geiras de aventureiros e flibusteiros recorda-se a ilha com suas lendas, folk-lore lirico, e nomes pitorescos conservados em varias localidades mixtos e corruptelas de primitivos nomes de batismo.

Existe na enseada do “Abrão” (hoje Abraão) uma dessas localidades lendarias. Seu nome: “Morcêgo”. A enseada do mesmo nome é diminuta e a praia em reoncavo suave mede uns 200 metros mais ou menos. Ao centro uma casa. Retangular e baixa, com suas quatro águas em curvatura selada levantando-se nos quatro cantos dos beiraes com o movimento das tendas arabes.

² Em relação à apresentação gráfica, a transcrição desse documento foi realizada de forma corrida.

Sua construção, diz a pedra encontrada sob o altar da capelinha interna, data de 1629, porém já em 1622 seu primeiro dono e construtor edificara um fortim em promontório guardando estrategicamente a praia e a propriedade com duas peças de fogo.

Estamos agora em 1938, quando um rapaz por nome Mario Peixoto, casualmente passando por essa localidade por ela encantou-se vindo a adquiri-la algum tempo depois. Já então desmembrado de sua primitiva área, o “Morcêgo” transformara-se em pequeno sítio. Mede, então, 1 quilometro de frente por 4 de fundos a subir em varios tabuleiros de mata virgem. A ilhóta fronteira onde, rezam os antigos

[fl. 3]

escritos, os despojos do pirata construtor do prédio acham-se enterrados, também faz parte desse acervo.

Mario, adquirira a localidade a principio movido apenas por senso esportivo. Aos poucos, no entretanto, ao manusear antigos alfarrabios de cartorios Angrenses e bibliotecas de convento, vem a deparar com o curioso historico da propriedade.

E sua ideia então modifica-se.

Durante 25 anos com todo o carinho e minucia coleciona o que pode da ilha e seus arredores, todo o acervo que atualmente se encontra armazenado na casa e no galpão das canôas. Desde as lageotas de mármore para forrar o chão até as minucias de mobiliario e estatuaria para guarnecer os jardins e a abitação. Das antigas imagens, dos usos e costumes da ilha, tirou ele o que de mais representativo e belo pode [?] selecionar, salvando assim um historico fadado a perecer na indigencia.

Hoje em dia o “Morcêgo” é patrimonio historico. Porém as acanhadas verbas desse órgão nacional jamais puderam auxiliar Mario.

Afogado na vertiginosa desvalorisação monetaria que aflige o paiz desde 1956, Mario encontra-se em terrível dilema. Colecionar

[fl. 4]

o suficiente para um primoroso – talvez no paiz, unico no genero – museu vivo. Ve-se então na contingencia de vender e desbaratar a sua obra. O que possuiue [?] não dá para a sua manutenção e muito menos para o seu termino. Falta-lhe apenas mão de obra e vérba para continuidade de subsistencia pois todo o material até mesmo de construção e restauração já existe. Que fazer? Apela então pára amigos. Explica seus motivos. Busca compreensão. Trata-se da obra de uma vida, levada ao seu mais infimo detalhe em vespéras da sua realização completa. De 1956 para cá Mario luta. Decorrem 6 anos e não vê solução. Perder todo esse maravilhoso exforço que preservará um passado e uma região dignos de estudo? Desde as amarrações típicas da construção das varias partes de um telhado da época, desde colunatas, de portadas e escadarias de marmore de lióz, tudo foi transportado e amealhado para o local. É só levantar e compor a obra. As notas existem, falta a harmonisação apenas para que de todos esses colecionados [?] se desprenda o estudo a maneira e o exemplo, muitas das vezes unico.

João Lourenzo, pirata hespanhol, construiu a casa com madeiras colhidas no local na propria mata que existia onde se eleva o predio, e que se estendia, então, até a órla da praia. Isso em 1629. Pouco depois

[fl. 5]

sendo assassinado no canto esquerdo da praia, por motivos passionaes, é enterrado na ilhóta do mesmo nome junto a cacimba da agua. Ha um relato de uma viagem dos Jesuitas da fazenda de Sta. Cruz, vindo em canôa de vóga, com indios, e em que levaram 2 mezes para chegar a Angra pois paravam em varias localidades onde permaneciam demoradamente. A casa do “Morcêgo” é descrita com os seguinte dizeres no portuguez antigo: “...quadrada y xata”

Do mobiliario autentico da casa algumas peças escaparam, embora esparças pela região. Até mesmo portas e janelas foram buscadas e descobertas em paragens já afastadas. Por ocasião da compra a casa já encontrava-se abandonada e deserta há 17 anos. Apenas usada como ponto de pescaria pelo ultimo proprietário, de quando em vez.

Hoje, no seu acervo, o que foi possível regressou. O trabalho de desbravador e colecionador persistente e teimoso está pronto. O interior das salas e quartos abriga o que não só dinheiro e prestígio podem comprar; mas a fé nos grandes milagres, a crença n'algo de maior, e que felizmente a fibra humana lêga muitas vezes de homem para homem.

O rapaz de então, hoje mais idoso, usa

[fl. 6]

como incentivo de batalha não só o escudo com os brasões do “Morcêgo” mas também as palavras com que termina este relato e apelo:

“A casa do “Morcêgo”... e o seu lugar, situam-se em qualquer região.

E esse lugar está disperso em tudo pois pertence a aventura do homem, que não é nem mais nem menos do que a aventura de viver, de amar, e de morrer.”

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1966.

Mário Peixoto

ANEXO 2 – A casa³

[fl. introdutória]

“A casa”

Personagens:

um filme de

Almerinda

Angelo Medeiros

“Tutuca”

Conrado

<e>

Figurantes

Local - Ilha Grande

Casa do Pirata

Morcêgo

[fl. 1]

~~Almerinda~~

O Morcêgo deixa de ser "O Morcêgo"

sem Almerinda.

Ela faz parte do todo.

³ A transcrição desse documento foi realizada linha por linha.

O canhão do Pirata

Ruínas do primitivo engenho.

O que se considerou realizar como Muséu
de Angra nessas ruínas

Promontorio do antigo engenho.

Muralha sendo restaurada

Detalhes idealizados para a construção

Haveriam grandes nichos com estatuaria
embutida nessa primitiva muralha.

De volta ao Morcêgo.

Partida para o ilhote do Morcêgo

distante 400 metros da praia em terra firme.

Tumulo e lapide do Pirata João Lourenço 1625[?].

Retorno a Praia

[fl. 2]

Recanto onde Brijite Bardot banhou-se

Um pouco de entomologia do local

Almerinda e algumas das esculturas

de pedras encontradas na natureza

praieira

“O gato” em seu pedestal (no jardim)

A mão decepada em seu pedestal (no jardim)

As outras (centenas) guardavam-se

destinadas ao Museu.

Um pouco de entomologia local.

Novamente os jardins do Morcêgo.

A lua modifica-se

e os jardins se transfiguram.

[*ilegível / riscado*] A sereia esculpida numa

madeira encalhada.

<*ilegível*> Um tronco <encalhado> revestido de parasitas [?]

~~que lhe~~ fazendo-lhe as vezes de

pelo. A florescerem as parasitas [?]

o pelo parece fantástico.

Primitiva captação de água:

Bambus e sapê.

<A gruta>

[fl. 3]

[*ilegível / riscado*]

Cai a tarde

Lusco fusco.

A casa.

aposentos

sala

saguão. (de dia)

A casa à noite

As ~~luzes~~ <luminárias> à [*ilegível*] se acendem.

Os jardins à noite

à paz das lanternas

Neptuno esculpido num encalhe

de madeira (~~de dia~~)

<aspecto [?] diurno>

Neptuno (~~visto a~~ [*ilegível / riscado*] <visão> noturna)

~~Desceu a noite~~ <após a noite novo amanhecer [?]>

~~vem [?] virá um outro amanhecer [?]~~

O autor [?] ~~do filme~~ das fotos e do filme

Angelo Medeiros

Palmireno Moreira Neto é pós-graduado em Cinema Documentário (FGV-RJ), mestre em Literatura Comparada (UFRJ) e doutorando em Teoria e História Literária (UNICAMP). Dirigiu o ensaio fílmico *O ato de criação* (Brasil, 2014).

FOLHA PARA COMENTÁRIOS DA BANCA